

O abre-alas que o corpo quer falar: ensinando e aprendendo língua estrangeira mediada pelo corpo

EDUARDO DIAS DA SILVA*

Resumo: A linguagem corporal representa outra possibilidade de aprendizagem de língua estrangeira (LE). A comunicação não-verbal, anteriormente negligenciada, adquiriu espaço em estudos acadêmicos sobre ensino e aprendizagem de LE, principalmente, nos campos da Linguística e Linguística Aplicada (Crítica)¹, nos últimos anos. Através desse artigo, oriundo de uma pesquisa qualitativa documental, ensejamos apresentar algumas pesquisas que tratam do corpo como elemento engajador para o ensino e a aprendizagem de LE. Assim, percebemos que os estudos sobre linguagem corporal devem buscar caminhos para que o ensino de LE ocorra de maneira engajada e espontânea, por meio de tarefas que considerem o aprendiz, professores e o meio social no processo de ensinar e aprender línguas mediados por uma abordagem interacional.

Palavras-chave: Corpo; Língua Estrangeira; Ensino; Aprendizagem.

The open wards that the body wants to talk about: foreign language teaching and learning mediated by the body

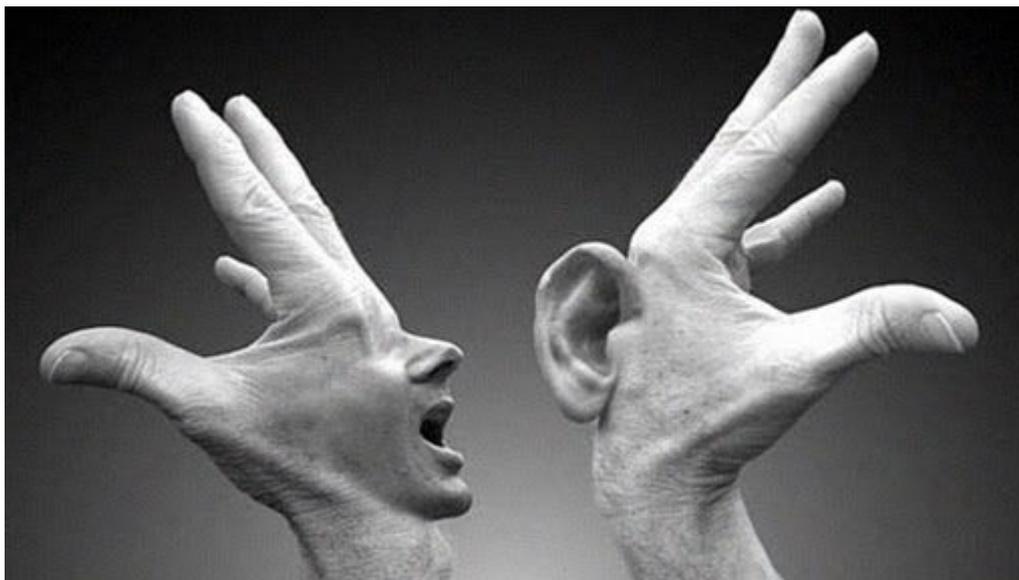
Abstract: Body language is another possibility of foreign language learning (FL), non-verbal communication, previously neglected, acquired space in academic studies on teaching and FL learning, especially in Linguistics and (Critical) Applied Linguistics fields, in the last years. Through this article, comes from a documentary qualitative research, intends to present some researches that treat the body as an essential element for teaching and learning FL. Thus we see that the studies on body language should seek ways for the FL teaching takes place in engaged and spontaneously through tasks to consider the learners, teachers and the social environment in the process of teaching and learning languages mediated by approach interacional.

Key words: Body; Foreign language; Teaching; Learning.



* **EDUARDO DIAS DA SILVA** é Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (POSLIT/UnB).

¹ Não vamos discutir a tênue definição fronteira entre o ser linguista ou linguista aplicado (crítico). Independente da filiação no campo dos estudos da linguagem, trabalhamos com pesquisas que versam sobre diversas questões ou problemas sociais: identidades, transculturalidade, conflitos linguísticos de fronteira, normalizações linguísticas e literárias, ensino-aprendizagem de línguas e literaturas, letramentos, formação de professores, impactos (social mais amplo e no ensino) das novas tecnologias, dentre tantos outros



Introdução

A aprendizagem de Língua Estrangeira (LE) representa outra possibilidade de se agir no mundo pelo discurso corporal (corporeidade) além daquela que a língua materna (LM) oferece. Da mesma forma que o ensino da LM, o ensino de LE incorpora a questão de como as pessoas agem na sociedade por meio das palavras e dos gestos, construindo o mundo social, a si mesmos e os outros à sua volta. Portanto, “o ensino de línguas oferece um modo singular para tratar das relações entre a linguagem e o mundo social, já que é o próprio discurso que constrói o mundo social” (BRASIL, 1998, p. 43). Desse pressuposto advém, assim, nosso interesse em pesquisar o tema do presente artigo.

A comunicação não-verbal foi ignorada, durante muito tempo, enquanto componente significativo do fenômeno comunicativo. Portanto, falar do corpo na Educação e no ensino-aprendizagem de LE não é algo simples, justamente por ser um assunto pouco discutido e difundido nos ambientes escolares e na formação acadêmica, segundo Rios e Moreira (2015). Trata-se de um campo relativamente inexplorado e pouco

sistematizado, o que explica, por conseguinte, as diversas incertezas terminológicas e certas divergências analíticas, conforme afirmam Reis (2008), Rodrigues (2007), Silva (2014; 2015a; 2015b; 2016) e Silva e Reis (2016) no uso do corpo como mediador do ensino e da aprendizagem em língua estrangeira (LE). Visa-se com essa pesquisa alcançar nossos objetivos, no qual

concebemos a linguagem como um processo de interação entre sujeitos sócio-historicamente situados e não mais a língua isolada do contexto em que é produzida [...], ou seja, a linguagem desempenha um papel primordialmente social. Dessa forma, o uso da linguagem está ligado aos diversos campos da atividade humana e pode ser historicamente construído em torno das trocas nas interações sociais. [...] Ao compreender que a língua é construída socialmente e que ela produz mudanças nos participantes de um determinado contexto, percebe-se a relevância da disposição de um olhar mais crítico sobre as práticas de ensino de línguas estrangeiras (SILVA, 2016, p. 103).

A interação com o corpo para ensinar e aprender LE, os debates sobre o ensino-aprendizagem, a relação do sujeito e do corpo e de como este é percebido, de acordo com Silva (2015a; 2015b), foram o ponto nevrálgico desse artigo no intuito de colocar em evidência a comunicação não-verbal nos debates acadêmicos. Pois, segundo este autor,

a dimensão gestual (uso do corpo) deve ocupar um lugar importante nas aulas de LE, visto que na cultura humana a gestualidade é abundante. Ignorar a dimensão gestual e os contatos corporais nas atividades pedagógicas seria limitar a interação e admitir a alienação de uma das expressões mais caras ao ser humano: a sua gestualidade (SILVA, 2015a, p. 13).

Essa pesquisa de cunho qualitativo de modalidade documental consiste em fazer um breve panorama de trabalhos que envolvem o uso do corpo como mediador para ensinar e aprender língua estrangeira (LE). Como elucidado por André (2000) e Chizzotti (2006), nas pesquisas qualitativas documentais, a realidade é interpretada como fluente e contraditória, e os processos de investigação são vistos como dependentes das concepções, valores e objetivos do pesquisador.

O corpo abrindo alas para vivenciar, ensinar e aprender língua estrangeira

Nessa seção, propomos, de forma sucinta, elencar algumas pesquisas que envolveram o uso do corpo como mediador no ensino e na aprendizagem de LE, nos últimos anos, pois “a língua passa pelo corpo, pelas emoções, pelo

subjetivo”, segundo Pinheiro (2013, p. 81), possibilitando, assim, a oportunidade de vivenciar e aprender a língua com prazer e espontaneidade.

É, portanto, da interação do corpo com o mundo antes e depois da palavra que surge a consciência no sujeito. Desde princípios gestuais básicos até as mais complexas formas de interação no mundo o corpo não para mais de aprender e o aprendizado só se encerra com a morte do corpo. Logo, todas as impressões, sensações, intuições sobre o que quer que seja do mundo lá fora passam pelo instrumento chamado corpo e, assim, o ensino-aprendizagem de uma LE perpassa por ele também (SILVA, 2015a, p. 9).

Tomando como base de aprendizado, a utilização da leitura oral e a aplicação do texto dramático nos estudos de Souza (2013) permitiram a maximização da aprendizagem de LE via corpo através de uma oralidade espontânea, pois,

por essência sua, a prática teatral prioriza o trabalho com o corpo, a voz em diferentes tons e ritmos e a utilização do sentido imaginativo para a criação de personagens. Essas características são, a priori, imprescindíveis no aprendizado de língua estrangeira, uma vez que estudar língua é conhecer outras culturas e experimentar um mundo que, em primeira instância é estrangeiro (SOUZA, 2013, p. 22).

A língua² perpassa o corpo, os sentimentos, o subjetivo e a (re)apresentação do teatro possibilita a oportunidade de vivenciar a língua com prazer e de forma espontânea, segundo

desempenham um papel primordialmente social. Dessa forma, os usos delas estão ligados aos diversos campos da atividade humana e podem ser historicamente construídos em torno das trocas nas interações sociais.

² *Língua e linguagem* são entendidas, nesta pesquisa, como um processo de interação entre sujeitos sócio-historicamente situados e não mais a língua isolada do contexto em que é produzida segundo Cunha (2010) e Silva (2014; 2015a; 2015b; 2016), ou seja, a língua e a linguagem

relatos da pesquisa feito por Souza (2013) na apropriação de LE por aprendizes iniciantes em um centro de línguas da Universidade de Brasília (UnB). Uma vez que

A linguagem, as palavras, os gestos, os signos nascem do corpo de cada ser humano que se expressa e comunica com os outros, com o mundo. Corpo e linguagem, num certo aspecto, são a mesma coisa. Pode-se falar no corpo da linguagem e na linguagem do corpo. E tanto o corpo como a linguagem são elementos de desenvolvimento e de formação. O sujeito é constituído a partir da educação do corpo e, simultaneamente, da educação linguística. Todavia, para poder entender essas afirmações, é necessário, antes de tudo, voltar o pensamento para o enigma do corpo, para o corpo como expressão, para o corpo como elemento que inaugura o conhecimento humano e é o meio de explosão da consciência de si no mundo (PAVIANI, 2011, p. 2).

Portanto, segundo Egan (2002 *apud* Filetti e Silva, 2008), a linguagem emerge do corpo e, por sua vez, como espécie evoluída, teríamos a linguagem corporal (corporeidade) oriunda concomitantemente à linguagem verbal. Assim, a linguagem, seja verbal ou não-verbal, é instrumento intelectual que acumulamos à medida que nos desenvolvemos como seres humanos e que serve como mediação do nosso tempo de compreensão e construção da vida e do mundo. Logo, de acordo com Rios e Moreira (2015, p. 54-55), “podemos afirmar então que corporeidade é o corpo vivenciado e faz com que o corpo humano se torne significativo e forme uma relação de constante diálogo do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo”.

Devemos perceber o aprendiz, no ensino-aprendizagem de LE, no caso específico dessa pesquisa e também no processo de aprendizagem de qualquer disciplina, como um ser que é corpo e mente, interligados com a sua vivência, jamais ignorando suas experiências anteriores e especificidades, mas propiciando um ensino-aprendizagem de LE não fragmentado, uma educação na plenitude do ser, ou seja, de *corpo inteiro*. Porque, como elucidado por Rios e Moreira,

o corpo é repleto de multiplicidades. Ele é ao mesmo tempo social, psicológico, biológico e transcendente, mas sempre foi considerado inferior, como segundo plano na sala de aula em relação à mente. Devemos entender o corpo e a mente como componentes que integram o mesmo organismo e estabelecer um elo entre o movimento e o desenvolvimento mental (2015, p. 50).

Acreditamos que práticas baseadas em atividades diversas, priorizando a relação corporal, dando possibilidade aos aprendizes de expressarem suas emoções, opiniões, medos, expectativas e dificuldades em LE, podem auxiliar na aprendizagem e facilitar a expressão oral em LE. Sendo assim, uma abordagem que privilegia a totalidade do ser humano incluindo a motricidade, o afetivo, o emocional e o social, implícitos no corpo que aprende e ensina uma LE. Há a necessidade de pensar o ambiente escolar, uma sala de aula em que os aprendizes de LE sejam vistos de maneira plural e insolúvel, como as experiências vivenciais do corpo em consonância com a mente e o social.

O corpo não existe sem a mente e nem a mente sem o corpo. Os dois comandam nossos movimentos, nossas ações, nossas emoções e nossos pensamentos. O corpo é o

primeiro e mais natural instrumento do homem, se manifesta através de inúmeros aspectos de nossa cultura, de nossa sociedade, por meio dele existimos e nos relacionamos com as pessoas (RIOS; MOREIRA, 2015, p. 54).

Portanto, pensar o lugar do corpo na Educação em geral e no ambiente escolar para o ensino-aprendizagem de LE, em particular, é inicialmente compreender que o corpo não é, somente, um instrumento das práticas educativas, embora as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, pular, dançar, jogar são produções do sujeito humano que traz em si a corporeidade. Desse modo, precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade.

O desafio está em considerar que a corporeidade não é somente instrumento, *per si*, para as aulas de educação física ou de artes, por exemplo, ou ainda um conjunto de órgãos, sistemas ou o objeto de programas de promoção de saúde ou lazer. Certamente, áreas como educação física ou artes tematizam práticas humanas cuja expressão, em termos de linguagem, tem na corporeidade sua referência específica, como é o caso da dança ou do esporte, por exemplos.

A corporeidade é um tema que vem sendo abordado desde a década de 1980, que propõe uma forma de superar a visão mecanicista e fragmentada do princípio da unidade do ser humano, consequência do pensamento racionalista cartesiano, que o concebeu como ferramenta muito próxima às máquinas, sem sentimento, representações e emoções, de acordo com Rios e Moreira (2015).

Segundo a conceituação de Assmann,

a Corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem

uma filosofia do corpo, que pervaga tudo na Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global enfim, é, de entrada, falaciosa (1998, p. 47).

O autor ainda revela que, em se tratando de corporeidade, há muito a ser estudado e pesquisado, muitas lacunas a serem preenchidas e novo paradigma a ser elaborado, instigando cada vez mais os que acreditam na importância do corpo no processo de ensino-aprendizagem. Pois, viemos, na maioria das vezes de uma formação segmentada, rígida, impregnada por valores construídos e consolidados pela cultura que em estamos inseridos de forma cartesiana e como alternativa de ruptura com o sistema fragmentado da sociedade atual. Santin (1993) propõe uma mudança de postura

para repensar e desenvolver a corporeidade é fundamental aprender a realidade corporal humana. Fica completamente descartado o hábito de entender o corpo a partir de elementos que vêm de fora. Essa leitura direta faz-se através da escuta da linguagem corporal. O corpo é falante, mas sua linguagem não deve ser científica, nem gramatical, muito menos matemática. Ela é, sem dúvida, cifrada, falta o intérprete [...] A corporeidade humana inspirada nessas linhas gerais precisa ser um desenvolvimento harmonioso como um concerto musical ou uma obra de arte em que nenhum aspecto ao alcance da criatividade de cada vida humana possa ser esquecido ou maltratado (SANTIN, 1993, p. 67).

Essa compreensão de corporeidade pode incentivar a motivação de ensinar e aprender, no caso desse artigo uma LE, como princípio educativo e social, visível nos gestos, no tom de voz, nas palavras, nos olhares, nos silêncios, na impaciência e na quietude, nos risos, nos

medos e nas ousadias, nos abraços, na proximidade e no distanciamento, como elucidado por Nóbrega (2005).

A agenda do corpo no ensino-aprendizagem de LE deve necessariamente alterar espaços e temporalidades, considerando o ato educativo um acontecimento social que se processa nos corpos existencializados, atravessados pelos desejos e pelas necessidades e que, seguramente, não é propriedade exclusiva de nenhuma disciplina curricular, mas que pode oferecer-se, não sem resistência, como projeto de inusitadas colaborações nesse espaço e tempo da Educação que compreendemos como ambiente escolar. Dessa maneira,

o trajeto de dar sentido ao corpo começa com aquele que se habita em LM, pois se eu possuo um corpo, nada melhor do que ele para responder às minhas questões. Há duas pressuposições nas quais é possível crer que o corpo ajude o acesso à LE e a todas as outras atividades humanas: a) para interagir é necessário ter corpo, pois é impossível aprender algo sem ele; e b) para interagir é necessário que ele esteja em contato com o mundo. De acordo este raciocínio, pode-se dizer que, para interagir e aprender, o sujeito precisa de um corpo e do mundo a sua volta (SILVA; REIS, 2016, p. 984).

Pretendemos finalizar essa discussão, jamais querendo mostrar o que é certo ou errado na perspectiva do ensino-aprendizagem de LE, mediado pelo corpo e muito menos há a intenção de ditar *regras* ou *normas* a serem seguidas pelos professores de LE. Almejamos levantar uma reflexão que mostre a importância do corpo em todo processo de ensino-aprendizagem de LE, em que os aprendizes façam parte deste processo como protagonistas de suas histórias, não

havendo uma preocupação apenas com o aspecto cognitivo, mas com o corpo em sua totalidade. Pois, segundo Freire e Murce (2009, p. 84), “é somente pela via do corpo e no corpo que algo do novo pode afetar o sujeito, convocá-lo, mobilizando-o”. O novo (estranho) ressoa no corpo, fazendo sentido ao sujeito, ainda que não se compreenda esse sentido, arrebatando o sujeito, mobilizando-o a interagir em LE.

Morin (2011), embora em seu livro *Os sete saberes necessários à Educação do futuro* não traga um estudo sobre o corpo, deixa implícita a sua preocupação com o corpo. Ao dizer que “compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno” (p. 50). O corpo é fonte, elemento e estrutura para que o sujeito ensine/aprenda através de vivências e possa se inserir no mundo.

Considerações finais

Esta pesquisa qualitativa, de modalidade documental, teve o objetivo de contribuir para que futuros estudos voltados para a interação comunicativa mediada pelo corpo, por meio de atividades lúdicas, ou não, possam envolver os aprendizes e professores no processo de ensinar e aprender uma LE e, ao mesmo tempo, que a linguagem corporal seja vislumbrada para o uso nas interações comunicativas entre os pares. Por conseguinte,

pode-se concluir que a comunicação deve ser concebida como sistema dinâmico de códigos interdependentes e que todo estudo criterioso sobre a comunicação deveria integrar as condutas não verbais dos participantes (professores e aprendizes), no intuito de restituir, juntamente com o plano verbal, o ato comunicativo

em sua totalidade (SILVA, 2015a, p. 13).

Com isso, este trabalho trouxe elementos de pesquisas, desenvolvidas ou em andamento, no qual o uso do corpo seja percebido como instrumento pedagógico, necessário e indispensável, para que o ensino e a aprendizagem de LE se dê de forma mais dinâmica e engajada e para tal tarefa, cabe a Educação e a Linguística Aplicada (Crítica) o seu estudo e acompanhamento.

A Linguística Aplicada (Crítica), assim como a Educação tem passado por relevantes transformações e ressignificações em seus papéis frente à sociedade, no que refere às suas importâncias na contemporaneidade para o conhecimento de línguas, conforme Melo (2013), pois,

com o advento da globalização e da internet, as pessoas necessitam interagir com outros indivíduos; nesse sentido, a linguagem passa a ser um instrumento primordial para que a comunicação e o conhecimento de outras línguas propiciem o estreitamento das relações comunicacionais entre os indivíduos. Assim, as salas de aulas de LEs devem priorizar, sempre, que a língua seja aprendida na e para a comunicação social (MELO, 2013, p. 124).

Portanto, os estudos sobre linguagem corporal devem buscar caminhos para que o ensino de LE ocorra de maneira engajada, por meio de estudos que considerem o aprendiz, professores e o meio social no processo de ensinar e aprender línguas, ressaltando

[...] a necessidade de se criar condições para que haja conscientização e reflexão a partir de experiências reais e significativas sobre aprendizagem colaborativa, de modo que o professor [...] seja capaz

tanto de vivenciar o desenvolvimento de uma prática (co)construtiva de aprendizagem, bem como de refletir sobre suas próprias concepções e experiências vivenciadas (BEDRAN; BARBOSA, 2016, p. 116).

Isso se dará através de uma abordagem de ensino interacional, conforme elucidado por Silva (2015b), em que o professor de LE adquira os conhecimentos indispensáveis dessa práxis e, que ela seja colocada em ação nos ambientes escolares de língua estrangeira.

Portanto, o uso da comunicação não-verbal deve fazer parte do ensino e da aprendizagem de LE, assim como os estudos dela no que tange à formação de (futuro) professores da área da linguagem. Discorrer sobre pesquisas que, de alguma maneira perpassam a corporeidade como elemento para aprendizagem, foram os objetos desse artigo, refletindo, assim, para além da teoria, a busca de uma prática interacional no tempo e no espaço do ambiente escolar.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. Diferentes tipos de pesquisa qualitativa. In: **Etnografia da Prática Escolar**. 4.ed. Campinas: Papirus, 2000.
- ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1998.
- BEDRAN, P. F.; BARBOSA, S. M. A. D. Prática Colaborativa: concepções e reflexões a partir de uma perspectiva sociocultural. **Domínios de Lingu@gem**. Uberlândia. vol. 10, n. 1. jan./mar. 2016. p. 89-120. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/31579/18084>> Acesso em: 25 de abril de 2016.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf> Acesso em 23 de março de 2016.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

CUNHA, D. A. C. O Funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA (Org.) **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 28-45.

FILETTI, E.; SILVA, R. H. R. Corpo e Linguagem: perspectivas discursivas e interdisciplinares. **Revista Solta a Voz**. Goiânia. v. 19, n. 2, p. 175-197. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/rp.v19i2.5907>> Acesso em: 16 de abril de 2016.

FREIRE, S. M.; MURCE, N. O ensino e a aprendizagem de Língua Estrangeira: algumas questões sobre o corpo. Em: Revista Solta a Voz. Goiânia, v. 20, n. 1. 2009. p. 73-86. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/6829/490>> Acesso em: 19 de abril de 2016.

MELO, F. A. **O uso do lúdico como atividade significativa no ensino-aprendizagem do espanhol como LE no ciclo juvenil**. 2013. 172f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15161/1/2013_FrancisAragaoMelo.pdf> Acesso em: 23 de março de 2016.

MORIN, E. **Os sete saberes necessário à Educação do futuro**. 2. ed. Revisada. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NOBRÉGA, T. P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf>> Acesso em: 17 de abril de 2016.

PAVIANI, N. M. S. Corpo, linguagem e educação. **DO CORPO: Ciências e Artes**. Caxias do Sul, v. 1, n. 1, jul./dez. 2011. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/docorpo/article/viewFile/1301/926>> Acesso em: 16 de abril de 2016.

PINHEIRO, K. U. **Oralização de Histórias Antigas com uso de Jogos Teatrais para**

favorecer a Expressão Oral em Língua Japonesa. 2013. 116f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14762/1/2013_KimikoUchigasakiPinheiro.pdf> Acesso em 23 de março de 2016.

REIS, M. G. M. **O texto teatral e os jogos dramáticos no ensino de francês língua estrangeira**. 2008. 259f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, SP. Disponível em: acesso em 10 de novembro de 2011.

RIO, F. T. A.; MOREIRA, W. W. A importância do corpo no processo de ensino e aprendizagem. **Evidência**, Araxá, v. 11, n. 11, p. 49-58, 2015. Disponível em: <<http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/468/447>> Acesso em: 16 de abril de 2016.

RODRIGUES, D. A. **Corpo, sujeito e interação na aprendizagem de uma língua estrangeira**. Dissertação de Mestrado. 119f. Mestre em Letras. FFLCH-USP. São Paulo, 2007. Disponível em acesso em 12 de setembro de 2015.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. Em: GEBARA, A. et al. Org. Wagner Wey Moreira. **Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI**. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1993. p. 51-69.

SILVA, E. D. A. **TUA-AÇÃO: O texto teatral, o corpo e a voz como mediadores da apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira (Francês)**. 2014. 106f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília. Disponível em: Acesso em 26 de julho de 2014.

_____. O corpo como mediador da apropriação de oralidade em língua estrangeira. **Revista Desempenho**, n.24, v.1, 2015a. p. 1-17. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/view/16465/12232>> Acesso em: 23 de março de 2016.

_____. Eu e você, você e eu na língua: uma abordagem interacional para o ensino de língua estrangeira. **Revista de Letras**, Taguatinga. v. 8. n. 1, 2015b. p. 1-13. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/6185/4180>> Acesso em: 23 de março de 2016.

_____. Gênero discursivo: o texto teatral no ensino-aprendizagem de língua estrangeira. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 14, n. 1, 2016. p. 101-124. Disponível em: <<http://periodicos.unitau.br/ojs-2.2/index.php/caminhoslinguistica/article/viewFile/1914/1560>> Acesso em: 23 de março de 2016.

_____.; REIS, M. G. M. Corpo e voz como mediadores na apropriação da oralidade em língua estrangeira. **Revista Domínios de Lingu@gem**, Uberaba. v. 10. n. 3, 2016, p. 977-995. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdeli>

[nguagem/article/view/32578/18765](http://linguagem/article/view/32578/18765)> Acesso em: 02 de outubro de 2016.

SOUZA, J. C. B. **O Texto Dramático: Uma ferramenta para desenvolver a apropriação em LE**. 2013. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13130/1/2013_JunioCesarBatistaSouza.pdf> Acesso em 23 de março de 2016.

Recebido em 2016-04-27

Publicado em 2016-12-06